

O retrato de D. Benedita é um perfil feminino, um caráter que se define pela inconstância, pela volubilidade. Assim, a Veleidade, apresentada no final do conto como sua fada madrinha, constitui o tema do conto.

Ao caracterizá-la quando surge, percebe-se a recorrência de figuras que concretizam essa ideia, pois têm em comum o traço transitoriedade, efemeridade: “figura vaga e transparente”, “névoas”, “reflexos”, “sem contornos definidos”. A passagem final, a seguir, constrói-se sobre esse percurso:

Uma noite (...) viu um singular espetáculo. Primeiramente uma claridade opaca, espécie de luz coada de vidro fosco, vestia o espaço da enseada, fronteiro à janela. Nesse quadro apareceu-lhe uma figura vaga e transparente, trajada de névoas, toucada de reflexos, sem contornos definidos, porque morriam todos no ar. A figura veio até ao peitoril da janela de D. Benedita; e de um gesto sonolento, com uma voz de criança, disse-lhe estas palavras:

- Casa... não casará...se casar...casará...não casará...e casar...casando...

D. Benedita ficou aterrada, sem poder mexer-se; mas ainda teve a força de perguntar à figura quem era. A figura achou um princípio de riso, mas perdeu-o logo; depois respondeu que era a fada que presidira ao nascimento de D. Benedita: Meu nome é Veleidade, concluiu; e, como um suspiro, dispersou-se na noite e no silêncio. (ASSIS, 2006, v. 2, p. 322-323).

Existem outras figuras que são repetidas no conto a fim de concretizar o tema da inconstância. A mais marcante é a expressão que sua filha Eulália repetia sempre a cada menção de um projeto por sua mãe: “Isto acaba.” (ASSIS, 2006, v. 2, p.318).

A tipologia dos leitores de “Miss Dollar” e de “D. Benedita”

Ao se analisar esses dois contos focalizando a imagem materializada do enunciatário no discurso, chega-se a uma tipologia de narratário. Em cada um deles, resultado dos contratos de veridicção e fiduciário, emerge uma imagem de leitor elaborada no momento da enunciação.

Em “Miss Dollar”, a oposição constante entre enunciação e enunciado, ora criando efeitos de sentido de ironia, ora de preterição, rompe o contrato de veridicção: o que parece, não é. Logo o fazer interpretativo do narratário passa do crer-ser para o crer não-ser. Resulta um discurso repleto de incertezas e imprevisibilidades, o que exige um leitor capaz de lidar com as dissimulações do narrador.

Existe em “Miss Dollar” um diálogo explícito entre narrador e narratário, em que aquele se dirige diretamente a este para estabelecer uma comunicação que aborde os elementos constitutivos da narrativa, a qual vai sendo construída ao mesmo tempo em que se explica. O narrador cria um vínculo patêmico com o narratário já que, envolvendo-o no processo de elaboração da narrativa, cria nele expectativas, esvazia aquelas que o leitor tem sobre o texto, ironiza algumas posturas do leitor pressuposto, destrói preconceitos, categoriza leitores e narrativas.

Tais diálogos entre narrador e narratário, de certa forma, explicitam o estilo de Machado de Assis e a arquitetura de muitos de seus contos, ao mesmo tempo em que configuram o seu leitor: aquele de quem espera não só o seu assentimento, mas também a sua reação, o seu questionamento. É o leitor diligente.

Em “D. Benedita”, ao propor o contrato de veridicção e cumpri-lo, o enunciador instaura uma harmonia entre enunciação e enunciado. Isso dá ao narratário confiança para se deixar conduzir.

O narrador convoca o leitor para apresentar-lhe as cenas, as personagens. Busca, com isso, sua adesão, despertando o seu interesse pela narrativa. Essa preocupação em estabelecer um elo entre ficção e realidade está presente na maioria dos contos machadianos; mas, em “D. Benedita”, é compartilhada diretamente com o leitor.

Essas referências aos elementos narrativos para os quais chama a atenção através da conversa com o leitor conquistam o narratário, pois direcionam o olhar do leitor para o enfoque que o narrador quer dar à história. Consequentemente aguça a sua curiosidade, nele criando expectativas a respeito da trama da qual o narrador se mostra o mais profundo conhecedor, desvendando-a aos olhos do leitor.

Os mecanismos empregados pelo narrador para fazer do leitor um ser atuante na construção do processo narrativo, que dá seu assentimento às afirmações do narrador, ao comungar com as opiniões e analisar os problemas com a mesma lente, são reveladores efetivos do papel do leitor como co-autor desse conto.

Ao propor (re) construir o leitor dos contos “Miss Dollar” e “D. Benedita”, sob a perspectiva da semiótica francesa greimasiana, buscou-se no discurso as marcas que o momento da produção nele deixou. Partiu-se de referências materializadas do enunciatário – narratário do discurso – para caracterizá-lo.

Não se desprezou a importância do enunciador que, ao configurar seu destinatário, também está moldando seu texto, pois suas escolhas dependem da imagem que dele construiu. Suas marcas também foram consideradas enquanto recursos empregados para garantir o contrato de veridicção.

Também o leitor não é único. Pode não ser aquele elaborado na enunciação, mas um narratário que pode ser construído, adquirindo competências que antes não possuía. Assim, o leitor pode compreender claramente os significados propostos e circular entre eles com agilidade. Ou então, ao ganhar competências que não possuía, habilitar-se a participar do processo de construção dos significados expostos.

O leitor de Machado de Assis também não é único. “Miss Dollar” constrói-se para um leitor exigente, culto, capaz de perceber as dissimulações presentes no discurso do narrador. Também questionador, requer um esforço para persuadi-lo de certas escolhas, pois não se deixa seduzir por afirmações superficiais e não aceita passivamente as imposições.

“D. Benedita” é uma narrativa construída sobre a relação de confiança entre enunciador e enunciatário. Aquele, demonstrando acordo entre enunciação e enunciado, instaura a certeza, a previsibilidade. Conduz o narratário pelos significados de seu texto. O leitor, por sua vez, deixa-se levar, aceitando e assumindo o mesmo ponto de vista do narrador.

Machado constitui um narrador que leva o leitor a visualizar ações, a assistir às reações dos personagens a fim de revelar os sentimentos, as vontades, os desejos que povoam a alma humana. É um enunciador cujo papel é não só revelar os meandros obscuros do interior do homem – sempre disfarçado –, mas também provocar uma postura reflexiva e também crítica do enunciatário com quem estabelece a parceria na

elaboração do seu discurso. O ser humano e social não consegue escapar das investidas desse enunciador: não há máscara que encubra a alma de seus personagens que não seja passível de ser desvelada pelo leitor que o acompanha na constituição dos sentidos do texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, M. de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 2006. v.2.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1988.
- _____. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1990.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral*. Campinas: Fontes, 1995. 2t.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: Editora UNB, 1998.
- _____. *Os desafios da escrita*. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: EDUNESP, 2002.
- CORTINA, Arnaldo. *O príncipe de Maquiavel e seus leitores. Uma investigação sobre o processo de leitura*. São Paulo: EDUNESP, 2000.
- _____. A paixão do ciúme: análise semiótica do discurso. In: ALFA: REVISTA DE LINGÜÍSTICA. *Enunciação e Figuratividade*. V. 48(2). São Paulo: Editora UNESP, 2004, p.79-94.
- CORTINA, A e MARCHEZAN, R. C. Teoria semiótica e a questão do sentido. In: MUSSALIN, F. e BENTES, A. C. (org.). *Introdução à Linguística*, v. 3, São Paulo: Cortez, 2004.
- DISCINI, N. *O estilo nos textos*. São Paulo: Contexto, 2003.
- ECO, Humberto. *Sobre a literatura*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004a.
- _____. *Lector in fábula*. São Paulo: Perspectiva, 2004b.
- FAORO, Raimundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1974. (Col. Brasileira, 356).
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.
- _____. O ethos do enunciadador. In: CORTINA, Arnaldo & MARCHEZAN, Renata Coelho, CORTINA, Arnaldo (Org.). *Razões e sensibilidades. A semiótica em foco*. São Paulo: Laboratório Editorial/Cultura Acadêmica, 2004a. (Série Trilhas Linguísticas, v.6, p.117-138.)
- _____. O pathos do enunciatário. In: Alfa. Revista de Linguística. V. 48, n. 2. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2004b, p. 69-78.
- GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- _____. *Por um novo Machado de Assis – ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido*. Ensaios semióticos. Trad. Ana C. Cruz Cezar et al. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. *Semântica estrutural*. Pesquisa de método. Tradução de Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1976.

_____. *Da imperfeição*. Trad. Ana Cláudia de Oliveira. São Paulo: Hacker, 2002.

GREIMAS, Algirdas Julien, COUTÉS, Joseph. Dicionário de semiótica. Tradução de Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix. [s.d.]

GRIECO, Agripino. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1959.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século XIX*. São Paulo: EDUSP, 2005.

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LIMA, Luiz da Costa, coord. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MEYER, Augusto. *Machado de Assis*. 2 ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1952.

MIGUEL PEREIRA, Lúcia. *Machado de Assis (estudo crítico e biográfico)*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1936.

SARTRE, J. P. *Que é literatura?* São Paulo, Ática, 1989.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo, Duas Cidades, 1990.